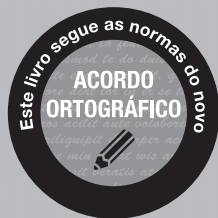


BOLA FORA

A história do êxodo
do futebol brasileiro

Paulo Vinicius Coelho



Copyright © 2009 Paulo Vinicius Coelho

Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**
Assistente editorial **Karina Danza**
Projeto gráfico e diagramação **iSee Comunicação**
Ilustrações **Marco Antonio Rodrigues**
Capa **Ana Miadaira**
Colaboração **José Renato Sátiro Santiago Jr.**
Preparação **Alê Costa**
Revisão **Alessandra Miranda de Sá**
Ana Maria Barbosa
Fernanda Umile

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C619b

Coelho, Paulo Vinicius, 1969-

Bola fora: o êxodo do futebol brasileiro / Paulo Vinicius Coelho. –
São Paulo: Panda Books, 2009.

1. Jogadores de futebol – Brasil – Transferência – História. 2. Futebol –
Aspectos econômicos. 3. Futebol – Brasil – História. I. Título.

09-2184.

CDD: 796.3340981

CDU: 796.332(81)

2009

Todos os direitos reservados à Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

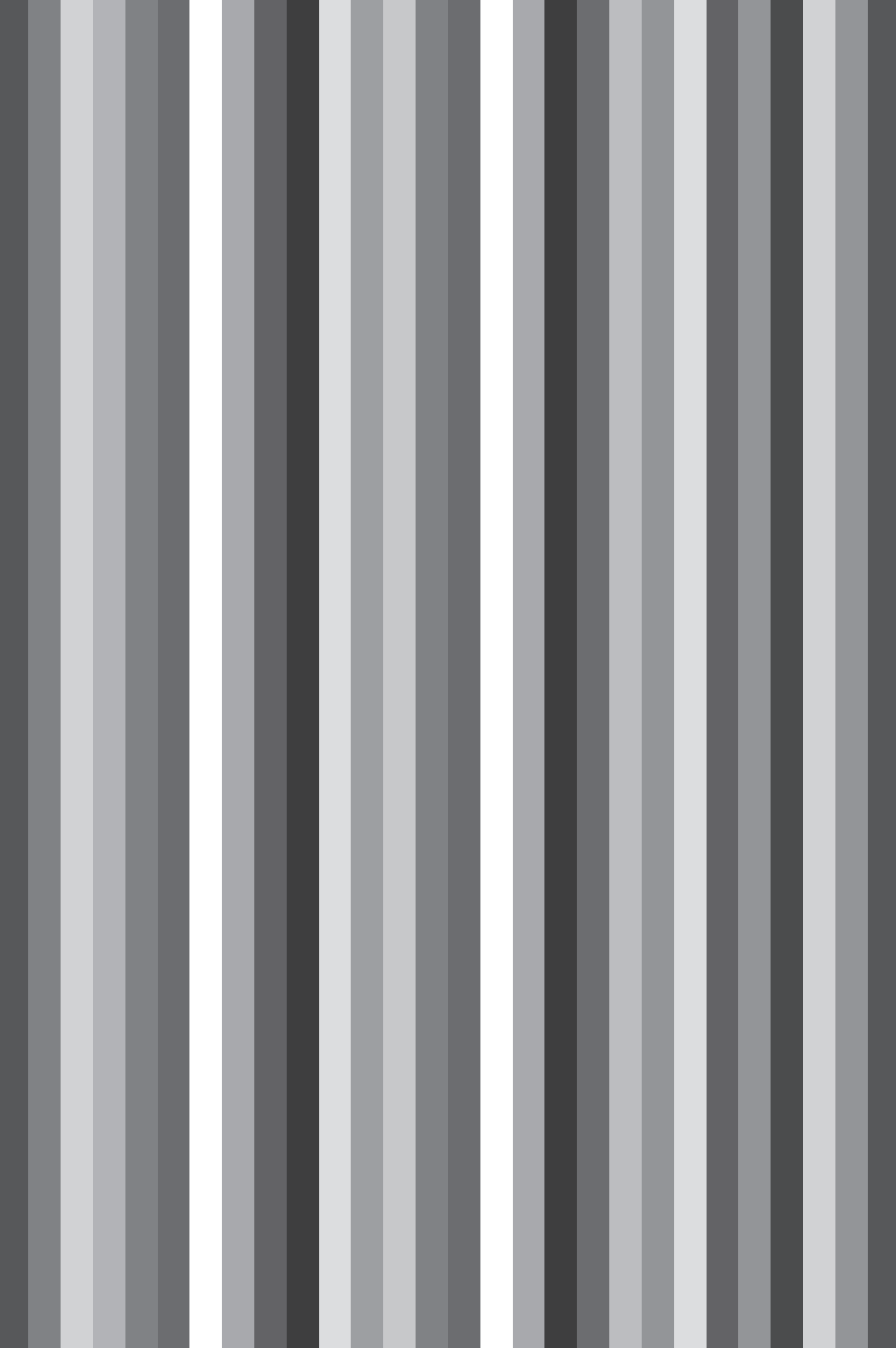
Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

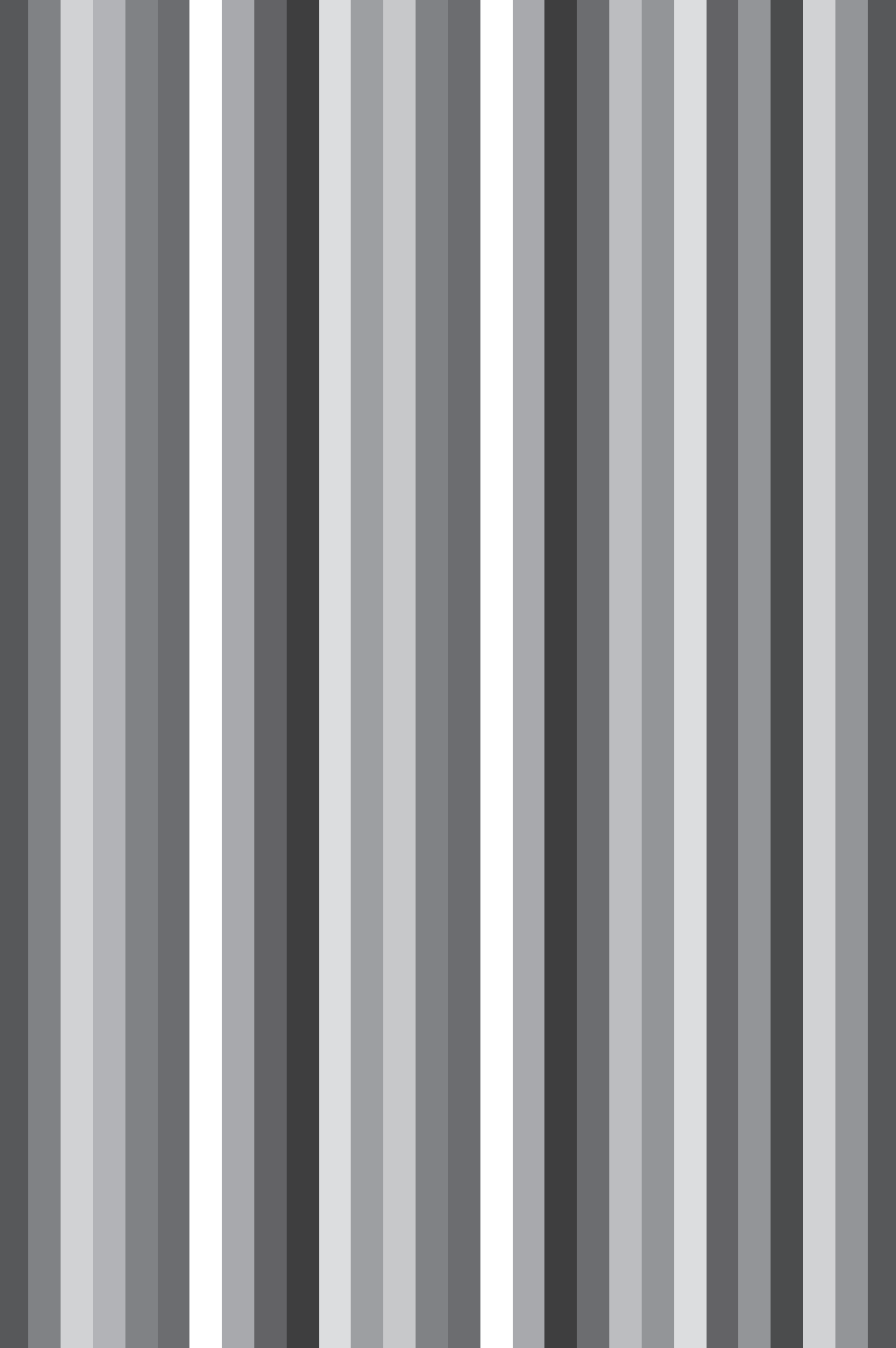
A Adriana, Bruna e João Pedro, minha inspiração.

Agradeço a Arthur Antunes Coimbra (Zico),
Celso Unzelte, Cristóvão Colombo,
Sílvio Lancelotti, Eduardo Monsanto, João Palomino,
Paulo Roberto Falcão e João Simões.



Sumário

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 9 |
| Apresentação | 11 |
| 1. Anos 1980 – Falcão voa para a consagração | 13 |
| 2. A renovação impossível | 25 |
| 3. O caso Zico | 33 |
| 4. A volta às origens | 41 |
| 5. Anos 1930 – o profissionalismo como desculpa | 51 |
| 6. A saída para a América | 67 |
| 7. Anos 1950 – a Espanha descobriu o Brasil | 75 |
| 8. Anos 1960 – empresários muito estranhos | 83 |
| 9. Anos 1970 – Pelé e o mercado americano | 91 |
| 10. O mundo árabe | 97 |
| 11. A vida em Portugal | 103 |
| 12. O sol nasceu no Japão | 109 |
| 13. A debandada de 1988 | 115 |
| 14. Bosman e o fim das fronteiras | 123 |
| 15. Saída para o Leste | 131 |
| 16. O século XXI | 139 |
| Referências bibliográficas | 195 |



Prefácio

Atento como o goleiro na hora do escanteio, aplicado como o volante encarregado de anular o craque adversário, minucioso como o treinador na preleção, habilidoso no uso das palavras como um meia driblador, implacável como um zagueiro e fulminante como um centroavante matador, Paulo Vinicius Coelho relata neste livro a saga dos jogadores brasileiros que atravessaram fronteiras para vender suas habilidades a clubes estrangeiros. Foi com muito orgulho que me vi no primeiro capítulo desta epopeia emocionante, narrada com tanta fidelidade que identifiquei até mesmo detalhes já esquecidos. Tenho certeza de que outros personagens retratados nesta obra ficarão felizes em ver parte de sua carreira redesenhada pelo texto elegante de PVC.

Sei bem o que existe por trás de cada negociação de atletas brasileiros para o exterior, embora cada caso tenha as suas peculiaridades. Quando fui para a Roma, já tinha conquistado tudo o que podia no Brasil e concluí que era hora de um novo

desafio. Hoje tem jogador que nem se profissionalizou ainda e já está saindo. O público costuma ver essas transações apenas como negócios. Não é incomum que o torcedor mais apaixonado até se volte contra ídolos que optam por deixar o país para vestir a camisa de um clube estrangeiro. Mas a realidade do futebol é também a realidade do mercado. Um jogador só obtém êxito se souber aproveitar as oportunidades oferecidas por uma carreira curta demais para permitir hesitações. Vencer longe de casa exige sacrifício, desprendimento, coragem e inteligência.

Para ser bem-sucedido no exterior, especialmente em centros importantes como a Itália, a Espanha ou a Inglaterra, não basta jogar bem. Não basta, também, ser apenas um atleta cumpridor de suas obrigações profissionais. Esses valores são importantes. Mas é essencial que o contratado procure se integrar à cultura do país, aprenda o idioma local, respeite hábitos e costumes da terra e, especialmente, que não fique saudosos demais do Brasil.

São essas histórias humanas que PVC nos conta, com o cuidado do jornalista que ouve todos os lados e procura ver o mesmo fato por diversos ângulos. Ele tituló o seu livro, muito apropriadamente, de *Bola fora*, para caracterizar o futebol de exportação do nosso país. Mas posso assegurar que se trata de uma bola dentro, um gol de placa deste craque do jornalismo esportivo nacional.

Paulo Roberto Falcão

Apresentação

O primeiro brasileiro a jogar no futebol italiano foi Arnaldo Porta, que deixou Araraquara, no interior de São Paulo, para jogar pelo Verona, em 1914. Isso quer dizer que faz muito mais tempo do que as pessoas costumam imaginar que jogadores brasileiros vão embora para a Europa.

Mais do que isso, muitos dos que se foram despediram-se sem fazer alarde. Quantas vezes você já ouviu dizer que o ponta Tita, campeão mundial pelo Flamengo, foi o primeiro brasileiro a jogar na Alemanha? Não foi. As portas se abriram bem antes de Tita, em 1964, depois de uma excursão do Madureira à Europa. O empresário José da Gama sugeriu ao Colônia que contratasse o atacante brasileiro Zezé. E lá foi ele. Na mesma época, desembarcou na Alemanha o centroavante Raul Tagliari, do Cruzeiro, outro levado por uma excursão de seu clube à Europa.

Por muito tempo pareceu que o êxodo do futebol brasileiro havia começado por ali, nos anos 1980, quando Tita na Alemanha,

Romário na Holanda e Mirandinha na Inglaterra abriam portas para a Europa. Mas, não. Eles não foram os precursores.

Década após década, jogadores brasileiros bateram asas por quantias e motivações diferentes. Nos anos 1930, muitos iam viver na terra de seus pais. Ou jogar em lugares onde o profissionalismo já existia, enquanto o Brasil ainda discutia se era ético ou não jogar por dinheiro.

Nos anos 1980, craques brasileiros viajavam para a Europa porque os principais países daquele continente reabriam seus mercados após décadas sem permitir a contratação de jogadores estrangeiros.

Desde a década de 1990, a intenção é jogar onde se paga mais e se tem mais visibilidade. O melhor do mundo não foi eleito nenhuma vez atuando num clube sul-americano, africano ou asiático. Para ter o talento reconhecido é necessário jogar na Europa.

Este livro nasceu para isso. Se você quer saber se houve alguém no Uzbequistão antes de Rivaldo, não vai descobrir aqui. Mas, se quer entender as motivações que levaram os principais jogadores do Brasil para o exterior, este livro explica.

Bola fora não tenta contar o caso inusitado, curioso. Não é a história do jogador que foi passar fome na Tunísia. É uma análise do êxodo dos jogadores do futebol brasileiro, mostrando que as transferências não começaram hoje, com a crise do capitalismo. O êxodo é mais antigo do que o próprio futebol. E também não vai acabar tão cedo.



1.

Anos 1980 –
Falcão voa
para a
consagração

Falcão queria ir.

A constatação era dolorosa, mas irremediável. O negócio havia sido proposto pelos emissários da Roma, Giuseppe Marchegiani e Aldo Raia, com recomendação explícita do técnico sueco Nils Liedholm, que dirigia o clube italiano desde o verão de 1979. O homem queria Falcão, o melhor jogador brasileiro da época. O presidente colorado, José Asmuz, relutava. Pensava numa renovação contratual que fosse suficiente para segurar o camisa 5 que todo o Brasil pediu na Copa de 1978, o líder do time tricampeão brasileiro em 1979. Todo o plano para manter Falcão no Brasil esbarrava numa informação fundamental, oferecida por Cristóvão Colombo, procurador do jogador: Falcão queria ir.

A Itália fechara suas portas aos jogadores estrangeiros em 1966, logo depois da derrota, na Copa do Mundo da Inglaterra, para a Coreia do Norte por 1 X 0. Um vexame que custou a eliminação da Seleção Italiana ainda na primeira fase. A Itália tinha um passado glorioso, era dona de dois títulos mundiais, mas havia sido eliminada na primeira fase em suas últimas quatro participações

em Mundiais. A única exceção era a Copa de 1958, da qual a Itália nem chegou a participar, desclassificada pela Irlanda do Norte ainda nas eliminatórias.

O diagnóstico era definitivo. Não era possível formar uma seleção nacional digna num país povoado por jogadores provenientes de bandeiras diferentes. Não era possível que isso acontecesse, ainda que esses jogadores internacionais pudessem defender a camisa da Squadra Azzurra, como aconteceu com o argentino Sívori e com o brasileiro Altafini na Copa do Mundo do Chile, em 1962. Ou como aconteceu com o brasileiro Guarisi – conhecido como Filó no Brasil – e com o argentino Monti na vitoriosa campanha da Copa de 1934.

Ou a Itália fechava as portas para os estrangeiros e abria vagas em seus clubes para jovens italianos, ou a seleção nunca mais venceria. Era o que pensavam.

As fronteiras se fecharam e até prejudicaram alguns brasileiros que pensavam em cruzá-las. Tostão estava pronto para deixar o futebol brasileiro e assinar com a Inter. Deixou o Cruzeiro, pegou um avião, desembarcou na Itália para o jogo-despedida de Iashin. Mas, a partir de 1966, nada mais de contratações.

Dois anos depois de fechar suas portas aos estrangeiros, a Itália era campeã da Europa em 1968. Mais dois anos e obteve o vice-campeonato mundial no México, em 1970.

Os repetidos sucessos fizeram com que demorasse 14 anos para que a Itália decidisse reabrir suas portas aos jogadores nascidos em outras partes do mundo. Uma década e meia de pressões dos clubes e resistência da federação. Os dirigentes das equipes participantes do Campeonato Nacional queriam clubes mais fortes, como acontecia antes do fechamento das fronteiras. Na primeira metade da década de 1960, antes do vexame contra a Coreia do Norte, os clubes iam bem nas competições europeias. O Milan foi campeão em 1963, a Internazionale foi bicampeã em 1964 e em 1965. Depois do fim das importações, nada de taças de clubes.

Daí a pressão pela liberação. Houve períodos em que se deu a liberação como certa. Em 1971, por exemplo, a Juventus chegou a negociar com Pelé, mas a abertura não foi permitida.

Um ano e meio antes de isso finalmente acontecer, no início de 1979, o craque do Milan, Gianni Rivera, começou a procurar informações para quando seu clube recebesse a permissão de contratar atletas no exterior. Rivera telefonou para um velho amigo, colega do Milan, jogador brasileiro dos anos 1960, Dino Sani. Juntos, Dino e Rivera conquistaram a Copa dos Campeões da Europa, em 1963. Na época, Rivera estava pronto para pendurar as chuteiras e começar a carreira de dirigente, por isso queria informações precisas para conversar com jogadores interessantes para o Milan. Telefonou para Dino e fez a pergunta mais que direta:

– Qual é o melhor jogador do Brasil hoje?

A resposta foi enfática:

– Falcão.

Em meados de 1979, era o Milan – e não a Roma – que sonhava com Paulo Roberto Falcão. Dino Sani poderia ter respondido que o trono pertencia a Rivelino, apontado na direção de Sócrates, já ídolo corintiano, ou reproduzido a ideia geral no Brasil da época: Zico era o cara. Mas dois motivos faziam o dedo indicador de Dino Sani apontar para Falcão. O primeiro: ninguém havia brilhado mais no primeiro semestre de 1979. Falcão jogava num time fabuloso, o Inter, dirigido por Ênio Andrade. Técnico de escola gaúcha, Ênio comandava uma equipe refinadíssima, especialmente por causa dos toques de Falcão, e que colocaria na galeria de troféus do clube o terceiro título brasileiro em dezembro daquele ano.

O segundo motivo tinha história nos corredores do Beira-Rio. Dino Sani era reconhecido por lá como um dos grandes treinadores do clube colorado de todos os tempos. Passou bons anos no início da década de 1970 e ajudou a lançar legiões de grandes jogadores. Quando foi diretor de futebol do Inter, o então procurador de Falcão, Cristóvão Colombo, aprendeu a separar os técnicos entre

os estrategistas e os que pinçam grandes jogadores como quem tira agulha do palheiro. Este último era Dino Sani.

Dino nunca pensou duas vezes antes de apontar o dedo para escolher Falcão como destaque. Primeiro para tirá-lo do time juvenil do Inter e lançá-lo nos profissionais. Depois para colocá-lo na equipe titular. E por último para recomendá-lo como o homem certo para desbravar o mercado italiano, para recolocar o jogador brasileiro na vitrine europeia.

Nos primeiros anos do convívio com Dino, Falcão escorregava com tanta facilidade da marcação adversária a ponto de os colegas o tratarem por um apelido: Sabonete. A dificuldade para lançá-lo entre os titulares estava na necessidade de barrar um ídolo colorado, que já tinha pouco a oferecer à equipe por estar perto do fim de sua carreira. Dino pediu à direção do clube que vendesse o meia Carbone. Se Carbone ficasse, haveria pressão para que jogasse. Era preciso vendê-lo, para deixar o menino entrar no time com tranquilidade.

Só não teve tempo para ver Falcão comandar o time na conquista do primeiro Brasileiro, em 1975. Perdeu o lugar para Rubens Minelli antes disso.

Do outro lado da linha, na conversa com Dino Sani, Gianni Rivera sabia que podia confiar na opinião de seu interlocutor. Ouviu o nome de Falcão, observou que não constava da lista dos convocados para a Copa de 1978, mas que fazia parte do time de Cláudio Coutinho que disputava a Copa América de 1979. Falcão até hoje pondera que só não foi à Copa da Argentina por causa de um forte desentendimento com Coutinho, que o barrou e preferiu Chicão, volante rústico, do São Paulo.

Rivera sabia também que o Inter fora tricampeão brasileiro por causa de seu camisa 5. Reproduziu o parecer de Dino Sani para o técnico do Milan, campeão italiano de 1979, Nils Liedholm. O mesmo técnico de Rivera no mesmo Milan, na conquista do escudeto de 1968, na Copa dos Campeões de 1969. Nils encantara-se com o futebol brasileiro havia muito tempo, mais precisamente desde que, como jogador, perdera a decisão da Copa do Mundo

de 1958 defendendo a Suécia – foi o autor do primeiro gol de seu país naquela final, no estádio Rasunda.

Por isso recebeu com ouvidos atentos a informação sobre o tal Paulo Roberto Falcão. Guardou-a no bolso enquanto discutia sua permanência ou não na equipe do Milan.

Ocorre que, enquanto Falcão fazia suas partidas mais impressionantes com a camisa do Inter, Liedholm arrumava as malas para a Roma. Falcão teve partidas gloriosas entre novembro e dezembro de 1979. Muita gente definiu sua partida contra o Palmeiras, no Morumbi, nas semifinais do Brasileirão, como a mais perfeita exibição de um jogador de futebol na história do campeonato. De cabeça, marcou o segundo gol do seu Inter, na vitória por 3 X 2 sobre o Palmeiras. Perto do final da partida, uma bola mastigada perto da pequena área sobrou para que colocasse seu pé na dividida contra a sola da chuteira de Mococa, volante do Palmeiras. Falcão tirou o pé da bola um segundo antes de o pé de Mococa ameaçá-lo e um segundo depois viu a bola estufar as redes no gol que dava vantagem aos colorados na semifinal daquele ano.

O título seria conquistado contra o Vasco, também com gol de Falcão, agora no Beira-Rio.

Em torno de Falcão, e não de Zico, Sócrates, Roberto Dinamite ou Rivelino, havia se construído a melhor equipe do futebol brasileiro daquele final de década. Em torno de Falcão deveria nascer a melhor equipe italiana depois da reabertura das fronteiras. O Milan tinha certeza de que Falcão era o homem certo. Mas Liedholm trocou o Milan pela Roma, presidida por Dino Viola.

A Roma era uma equipe de poucas ambições na Itália. Dona de um único título nacional em 1942, voltou a sonhar com conquistas após ser comprada por Viola em 16 de maio de 1979. Viola era um empresário do setor de armamentos com ambições políticas, que decidiu fazer do time de futebol seu trampolim para a vida pública. Tal estratégia daria certo se ele fosse capaz de montar uma equipe vencedora.

Daria certo também porque, na mudança, Liedholm levou ideias arrojadas para montar um time vitorioso. Chegava ainda com uma

lista de reforços que não começava pela letra A, mas com o nome Paulo Roberto Falcão.

Como o mercado só se abria em junho de 1980, Liedholm precisou da paciência da torcida – e da diretoria. Tinha jogadores promissores, como o volante Carlo Ancelotti, e eficientes, como o centroavante Pruzzo. Mas a primeira temporada não produziu resultados melhores do que a sétima posição no campeonato.

Como faltava alguma coisa à equipe, e como a Federação Italiana anunciou no meio da temporada a reabertura da contratação de jogadores estrangeiros, a Roma enviou ao Brasil dois representantes com a missão de encontrar o melhor jogador do país. Foi assim que chegaram a Porto Alegre os enviados do presidente romanista, Dino Viola: os advogados Giuseppe Marchegiani e Aldo Raia, este representante do Banco di Roma, instituição financeira que daria respaldo à gestão de Dino Viola à frente do clube de futebol da capital italiana.

Depois de ganhar o título brasileiro em dezembro de 1979, o Inter iniciou o ano seguinte pensando na Libertadores. Chegou à semifinal do Brasileirão e à decisão do torneio continental contra o Nacional. Antes das fases decisivas, José Asmuz recebeu a visita de Aldo Raia e do representante de Paulo Roberto Falcão, Cristóvão Colombo.

Sem a pretensão de descobrir a América, Colombo entrou na sala do presidente colorado, José Asmuz, e convenceu-o de que era preciso vender um dos dois grandes destaques do Inter daqueles tempos. Um deles era o volante Batista, gênio da raça, dono da camisa 10, de vigor incrível e visão de jogo mais restrita do que o outro, que voava vestindo a camisa 5: Paulo Roberto Falcão. Um deles seria vendido. E o outro teria seu contrato renovado com o clube.

Colombo também voava desde os tempos em que se destacara como diretor das divisões de base do futebol do Internacional. Ele era o chefe da delegação do Inter em São Paulo em 1972, ano em que o Colorado chegou à final da Copa São Paulo de Futebol Júnior com uma equipe em que brilhavam Falcão e o centroavante Manoel, negociado com o Sporting de Portugal.

Ambos confiavam em Cristóvão Colombo, o diretor de futebol. Falcão confiava tanto que lhe deu a atribuição de conselheiro. Mais tarde Colombo seria conhecido como o procurador do maior craque do futebol italiano.

Cristóvão Colombo deixou a direção do Inter e passou a se ocupar da carreira de Falcão. A negociação de contratos não era mais responsabilidade do craque. Ele precisava se preocupar apenas com a qualidade da bola, saber de qual couro era feita e, principalmente, como iria chutá-la. Quanto aos negócios, era deixar que Colombo os resolvesse.

E Colombo era bom nisso. Tanto que convenceu o presidente do Inter, José Asmuz, de que o nome a ser vendido era o de Falcão. O maior craque da equipe já havia conquistado três vezes o título mais importante do país e teria pouco mais a dar a seu clube do coração. Especialmente quando se sabia de um detalhe fundamental: Falcão queria ir.

A decisão era difícil para o guri, já aos 26 anos. Por uma parte, a independência, a conta bancária recheada, a chance de fazer sucesso do outro lado do oceano. Por outra, a possibilidade de continuar sendo amado em Porto Alegre, disputando partidas pela Seleção Brasileira, o caminho aberto e mais seguro para a Copa do Mundo da Espanha, em 1982. As cartas postas sobre a mesa deixavam o craque dividido, mas pendiam para a transferência. As palavras definitivas vieram de dois conselheiros. O técnico Ênio Andrade conhecia a história de diversos outros jogadores que encerraram a carreira sem o reconhecimento dos clubes onde se consagraram. Por isso disse a Falcão que este deveria aceitar a proposta.

Mas o conselho definitivo veio da mãe, dona Azize:

– Vai, meu filho. Vai conquistar o mundo!

Foi com base nesse veredicto que o procurador Colombo sentou-se à mesa com o presidente do Inter, José Asmuz. A Roma dispunha-se a pagar dois milhões de dólares ao Internacional e salário 40% maior do que Falcão recebia em Porto Alegre. Em 1980, Falcão já era dono do salário mais alto do futebol brasileiro. Recebia perto

de sessenta mil dólares por ano. Com o aumento de 10% oferecido por José Asmuz para que permanecesse no clube, seus rendimentos ficariam apenas 30% menores do que a Roma lhe oferecia: cem mil dólares anuais e três temporadas de contrato.

Era muito menos do que, por exemplo, jogadores como Paolo Rossi recebiam para jogar pelo Perugia. Era muito menos do que ele poderia receber com a sequência de seu trabalho. E com a promessa feita pelo procurador, Cristóvão Colombo:

– Falcão e eu sabíamos, tínhamos convicção de que ele tinha potencial para ser o maior salário do futebol mundial. O compromisso era esse. Depois da transferência, trabalhar para alcançar esse estágio.

Para o Inter, não havia muito a fazer. O negócio era bom e o jogador queria ir. Depois do anúncio, José Asmuz foi tratado como vilão por anos a fio. Caminhava nas ruas e era apontado como “o homem que vendeu Falcão”. Sua missão, como presidente de clube num período em que grandes jogadores não saíam do país a todo instante, era segurá-lo. Mas havia sempre a lembrança da vontade do jogador:

– Eu não quero morrer sem contar a história integralmente. Eu não tive escolha a não ser vender o Falcão. Ele queria jogar lá fora e eu só podia fazer o negócio – diz José Asmuz, hoje comerciante em Porto Alegre.

O contrato foi assinado no dia 10 de agosto de 1980, com o Inter recebendo 1,5 milhão de dólares, além da renda de um amistoso. Falcão marcou seu último gol no Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, num empate de 1 X 1 com o Guarani. Fez sua última partida contra o Nacional, de Montevidéu, na decisão da Copa Libertadores. O Inter empatou e viu a taça seguir para o Uruguai. O passo seguinte era embarcar para a Itália e iniciar a trajetória para tornar Falcão dono do maior salário do futebol do planeta.

Era uma tarefa que consistia fundamentalmente em talento, trabalho, mas que continha um pouco de marketing e astúcia de raposa na negociação – esta última parte cabia a Cristóvão Colombo.

O capítulo marketing foi abordado no avião da Alitalia, que levou Falcão de São Paulo até Roma, por Giuseppe Marchegiani, braço direito de Aldo Raia, advogado da Banca di Roma, instituição financeira aliada ao presidente da Roma, Dino Viola. Marchegiani ofereceu a Falcão a primeira aula do novo idioma. Ao descer da aeronave e pisar em solo italiano para sua entrevista inaugural como ídolo romanista, Falcão deu *Buon giorno*, agradeceu aos *tifosi*, prometeu o *scudetto*... Tudo com perfeito acento da península.

Virou ídolo antes mesmo da estreia, que aconteceu no dia 29 de agosto, no amistoso contra o Internacional. No Campeonato Italiano, a estreia aconteceu contra o Como, fora de casa, e o primeiro jogo no Estádio Olímpico teve o Brescia como adversário. Duas vitórias magras, por 1 X 0 dentro de Roma, com gol de pênalti do artilheiro Pruzzo. Mas bom demais para uma equipe habituada a brigar por posições intermediárias antes da chegada de Falcão.

O primeiro gol demorou 18 rodadas para acontecer. Veio contra a Bologna, também no Estádio Olímpico. Àquela altura, já se tinha certeza de que o nome apontado por Dino Sani era o mais perfeito para fazer a Roma voltar a seus tempos de glória e sonhar com um título que não era seu desde 1942.

Falcão chegou à Itália logo depois da abertura do mercado, após 14 anos de proibição de estrangeiros no futebol. Com ele chegaram apenas mais dois brasileiros. Luís Sílvio, um ponta-direita de origem discreta no Marília, que disputava a Primeira Divisão do Campeonato Paulista e que havia vencido a Copa São Paulo de Futebol Júnior em 1979. E Enéas, craque da Portuguesa, contratado pelo Bologna.

Até Falcão marcar seu primeiro gol pela Roma, Enéas já havia feito dois. Fora de casa, no empate por 1 X 1 entre Bologna e Udinese, e no estádio Renato Dall'Ara, em Bolonha, contra o Perugia.

Aos poucos seu futebol desapareceu e Enéas não emplacou uma segunda temporada com a camisa azul e grená do Bologna. Luís Sílvio viveu situação mais delicada. Primeiro porque chegou para a Pistoiese, modesta e recém-promovida equipe da Série B que jogou na Série A daquela temporada e nunca mais retornou. Segundo porque, ponta-direita de origem, Luís Sílvio chegou recomendado numa posição que não era exatamente a sua:

– Diziam que eu era *punta*. Em italiano, isso significa *centroavante*. E o técnico me escalava assim, no comando do ataque. Eu dizia a ele que precisava jogar pelos lados, mas ninguém me ouvia. Aos poucos, o time foi caindo, e a torcida, me crucificando – lembra Luís Sílvio.

Até hoje, o atacante é apontado como o maior fiasco entre os jogadores estrangeiros contratados para atuar no futebol italiano.

A Pistoiese terminou a temporada 1980-1981 na 16ª colocação, o último lugar. O Bologna ficou na sétima posição e a Roma chegou à última rodada disputando a taça com a Juventus. Empatou fora de casa com o Avellino, enquanto a Juventus vence a Fiorentina em Turim, com gol do lateral-esquerdo Cabrini. Por muito pouco, o primeiro título romanista em 39 anos não era festejado. Falcão ainda relembra com dor a reta de chegada daquele campeonato, perdido por detalhes.

– Estávamos um ponto abaixo da Juventus quando os enfrentamos em Turim. Faltavam duas rodadas e marcamos 1 X 0, gol do nosso zagueiro Toroni. Mas o árbitro, Paolo Bérghamo, o anulou de maneira absurda. Lembre-se de que o Paolo Bérghamo é o mesmo da comissão de arbitragem envolvida no escândalo que rebaixou a Juventus em 2006 – diz Paulo Roberto Falcão, 27 anos depois de perder a taça.